

**A AUTOINTEXTUALIDADE EM *GALILÉIA*,
DE RONALDO CORREIA DE BRITO**

Rosângela da Silva Oliveira*

Resumo: este trabalho apresenta um estudo do romance *Galiléia*, do escritor Ronaldo Correia de Brito, que foi lançado no ano de 2008 pela editora Alfaguara. Como foco central da pesquisa, foi desenvolvida uma análise referente à autointertextualidade entre o primeiro romance do autor cearense e seus contos intitulados “Faca”, do ano de 2003, e “O que veio de longe”, de 2005, já que a autointertextualidade pode ser vista entre os textos por meio de diferentes aspectos, tanto pela retomada dos personagens principais quanto pelos elementos que caracterizam o espaço.

Palavras-chave: Literatura contemporânea brasileira; Galiléia; autointertextualidade.

**THE AUTOINTEXTUALITY IN *GALILÉIA*,
BY RONALDO CORREIA DE BRITO**

Abstract: this paper presents a study referred to the novel *Galiléia*, written by Ronaldo Correia de Brito, published in 2008. The central focus of the research was to analyze the autointertextuality between the first novel of the writer and your short stories “Faca” (2003) and “O que veio de longe” (2005), well the autointertextuality can be views in this texts through different aspects, both the resumption of the main characters, as the elements that characterize the space.

Keywords: Contemporary Brazilian literature; Galiléia; autointertextuality.

Introdução

Um único texto pode apresentar diferentes significações no curso de sua leitura. Tzvetan Todorov (2009), em “As categorias da narrativa literária”, questiona seu leitor a respeito dessa questão: “como escolher entre as múltiplas significações, que surgem no curso da leitura, as que se ligam à literalidade? Como isolar o domínio do que é propriamente literário, deixando à psicologia e à história o que lhes pertence?” (TODOROV, 2009, p. 218).

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos. Bolsista CAPES.

Segundo Todorov (2009), o sentido, ou função, de um elemento de uma obra “é sua possibilidade de entrar em correlação com outros elementos desta obra e com a obra inteira” (TODOROV, 2009, p. 219). Cada elemento pode ter um ou mais sentidos, já a interpretação de um elemento de uma obra depende da época e da posição ideológica do crítico. Em resumo, a ideia defendida por Todorov (2009), depois de refletir sobre esses dois conceitos, o sentido e a interpretação, é a de que se uma obra literária for considerada como uma unidade, que só se relaciona consigo mesma, ela não apresentaria nenhum sentido. Para que o sentido de uma obra exista, é preciso incluí-la em um sistema superior, pois nenhuma obra literária existe de maneira independente. Em outras palavras, “Cada obra de arte entra em relações complexas com as obras do passado que formam, segundo as épocas, diferentes hierarquias” (TODOROV, 2009, p. 220).

Essa relação entre obras de diferentes épocas citada por Todorov (2009) remete-nos ao termo conhecido como intertextualidade, que é definido por Gérard Genette (2010, p. 12) como “uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, [...] como presença efetiva de um texto em um outro”. Em suma, a intertextualidade nada mais é do que a relação existente entre textos diferentes de autores diversos e que recupera procedimentos de um texto em outro.

Como afirma Julia Kristeva (1974, p. 64),

no universo discursivo do livro, o destinatário está incluído apenas enquanto propriamente discurso. Funde-se, portanto, com aquele outro discurso (aquele outro livro), em relação ao qual o escritor escreve seu próprio texto, de modo que o eixo horizontal (sujeito-destinatário) e o eixo vertical (texto-contexto) coincidem para revelar um fato maior: a palavra (o texto) é um cruzamento de palavras (de textos) onde se lê, pelo menos, outra palavra (texto).

Podemos dizer, portanto, que “todo texto se constrói como mosaico de citações” (KRISTEVA, 1974, p. 64).

Segundo Maria Célia Leonel (2000, p. 48), este termo se revela como uma antiga preocupação grega com relação à mimese, e que se define como a relação existente entre textos diferentes de autores diversos. Em “Texto literário e intertextualidade”, a mesma autora aponta um fragmento de Luiz Costa Lima (apud LEONEL, 2000a, p. 49) que, a partir de Auerbach, retoma Platão para discutir o conceito de mimese:

a mimeses podia aparecer como um conceito atemporal e unitário, pois, diante da mutabilidade do mundo, há uma maneira de respeitá-la e, ao mesmo tempo, de dar conta da permanência de uma atitude. O ato mimético seria em si dialético: permanência que não se nega ao transformado, transformado que não lança um abismo entre o que passou.

Dessa maneira, Maria Célia Leonel (2000, p. 49) afirma que sempre é possível reconhecer o “‘outro’ texto no texto novo porque ele nos dá uma imagem do primeiro, uma palavra, um modo de entonar, um traço estilístico, uma transcrição completa ou a reformulação de seus conteúdos”

Diferentemente do processo de intertextualidade, o processo de autointertextualidade é definido como a relação existente entre textos diferentes de um mesmo autor, ou seja, esses textos apresentam não apenas as mesmas “operações de retomada envolvidas no processo de intertextualidade” (LEONEL, 2000b, p. 63), como também algumas especificidades. E uma dessas especificidades seria a “ligação suplementar”, termo utilizado por Antoine Compagnon (1996) para se referir àqueles textos que apresentam entre si uma suplementação de significado. E é justamente essa diferença entre esses textos que merece atenção, já que os mesmos podem constituir sistemas semióticos não únicos, mas sim distintos.

A autointertextualidade em *Galiléia*

O texto *Galiléia*, publicado em 2008 pela editora Alfaguara, é o primeiro romance escrito por Ronaldo Correia de Brito e recebeu o Prêmio São Paulo de Literatura em 2009 por ter sido considerado o melhor livro daquele ano. A narrativa inicia-se com o narrador-personagem, Adonias, contando a viagem que faz ao lado dos seus dois primos, Ismael e Davi, à fazenda Galiléia. Nascidos no sertão do Ceará, em Arneirós, onde fica localizada a fazenda, esses três personagens, que no momento presente da narrativa não mais habitavam o local e não se viam há anos, decidem encarar uma viagem do Recife a Arneirós, no sertão dos Inhamuns, em uma caminhonete importada, para visitar a fazenda Galiléia e comemorar o aniversário do patriarca da família, Raimundo Caetano. No entanto, sabe-se, desde o início da narrativa, que a comemoração do aniversário de Raimundo Caetano poderia não ocorrer, já que este se encontrava enfermo e em seu leito de morte. É, portanto, na fazenda Galiléia que Adonias revive grande parte de suas lembranças e se depara com os assombros do passado de

sua família, como diversos segredos ligados a adultério, violência e morte, que permaneciam, em alguns casos, ocultados há séculos pelos familiares.

Nesta obra, a autointertextualidade pode ser vista através da retomada de uma das histórias da família de Adonias, ocorrida cerca de duzentos anos antes dos fatos narrados no romance e que se refere ao assassinato da personagem Donana, tia de Adonias, que fora morta pelo marido, Domísio Justino, em meio às terras da Galiléia. Essa mesma história pode ser vista em duas narrativas anteriores do mesmo autor, sendo contada pela primeira vez no conto “Faca”, que se encontra na obra homônima lançada em 2003 pela Cosac Naify, e em seguida, no conto “O que veio de longe”, que se encontra na obra intitulada *Livro dos homens*, de 2005. Ela reaparece no primeiro romance do escritor contemporâneo, *Galiléia*, sendo contada pelo narrador-personagem, Adonias.

No conto “Faca” (2003), tem-se então a narração da seguinte história: a personagem Domísio Justino, casado e com filhos, apaixona-se por outra mulher em uma de suas viagens à capital. Por conta disso, retorna cada vez menos ao interior do sertão, onde vivia a sua família. Decidido a se livrar de sua esposa, Donana, para poder ficar de vez com a outra mulher, Domísio Justino inventa uma história para os dois cunhados, Pedro e Luiz Miranda. Donana é, então, acusada de traição pelo próprio marido, que decide assassiná-la brutalmente com uma faca. Logo, os irmãos de Donana, ao descobrirem que aquela história não passava de uma mentira criada por Domísio Justino, juram vingar a morte da irmã inocente que carregava consigo apenas a culpa de existir.

Em “O que veio de longe” (2005), estas mesmas personagens irão reaparecer ou serão de algum modo lembradas. Neste conto é narrada a história de um povoado situado no interior do sertão, Monte Alverne, que estava passando por um longo período de estiagem. Porventura, o corpo de um homem é descoberto em meio à margem do Rio Jaguaribe, que passava pelas proximidades daquele lugar, tornando-se motivo para a criação de muitos mitos a respeito de sua origem até então desconhecida. Mas, no decorrer da narrativa, um novo visitante que estava de passagem pelo povoado, Pedro Miranda, fica sabendo dos mitos criados pelos moradores de Monte Alverne em torno do corpo ali encontrado. Logo, Pedro Miranda passa a reconhecer, através das descrições que os sertanejos fizeram das vestimentas e dos objetos encontrados junto ao corpo, que aquele corpo era o do seu cunhado Domísio Justino, assassinado por ele com três tiros, em vingança à morte de sua irmã Donana. Dessa

maneira, vemos que o autor retoma em seu conto de 2005, “O que veio de longe”, tanto as personagens principais, quanto os elementos que caracterizam o espaço da narrativa apresentados em seu conto de 2003, “Faca”.

Quando observadas em conjunto, as duas narrativas de Ronaldo Correia de Brito constituem perfeitamente o que Antoine Compagnon (1996) chamou de “ligação suplementar”, já que a narrativa de “O que veio de longe” (2005), por ter sido lançada posteriormente e retomar uma história “inacabada”, pode ser vista como um suplemento ao final do conto “Faca” (2003), que termina em aberto. Em outras palavras, a ligação suplementar entre os dois textos aparece como um meio para que a história contada no primeiro conto ganhe um sentido ainda maior quando observada ao lado do segundo conto, como se ambos se completassem. No entanto, é preciso ressaltar que a significação de cada uma destas narrativas independe da existência uma da outra.

Em *Galiléia*, o narrador-personagem retoma essa mesma história, que faz parte do passado de sua família, nos apresentando a história de Domísio Justino através do seu ponto de vista. Tem-se, portanto, a presença da autointertextualidade nesse momento da narrativa:

A Casa-Grande do Umbuzeiro nos espionava, enchendo de pesadelos nossas noites. Escutávamos os gritos de tio Domísio, preso no quarto escuro. Amarrado a um casamento imposto pela família. Domísio sobrevivia tocando rebanhos de bois para o Recife. Numa das viagens, apaixonou-se por uma moça jovem e risonha, na cidade de muitas igrejas. Jurou que era solteiro e acertou casamento. Mas, no sertão distante, existiam os filhos e a esposa Donana. A única maneira de livrar-se dela seria matá-la. Procurou os dois cunhados e jurou que Donana o traía. Encontrara rastros de alpagartas e chinelos na areia do riacho onde ela costumava se banhar. Marcas pequenas, de pés femininos, e marcas grandes e profundas, denunciando pertencerem a homem. Os cunhados não acreditaram em Domísio, pediram que arranjasse outras provas. Se a irmã fosse culpada, fizesse a justiça de direito. Mas se tudo não passasse de mentira, eles se vingariam. Domísio matou Donana com um punhal de cabo de madrepérola. Enfiou-o nas costas da mulher. O sangue tingiu o riacho Trici, correu para as águas do rio Jaguaribe e depois para o mar. (BRITO, 2008, p. 54)

Essa história irá ganhar uma força ainda maior quando introduzida no capítulo intitulado “Ismael”. Neste capítulo, o narrador-personagem passa a descrever o local em

que ele se encontrava, no tempo presente da narrativa, com o seu primo Ismael. Era o mesmo lugar onde Donana havia sido assassinada por Domísio Justino. Nesse mesmo local, Adonias passa a discutir seriamente com Ismael e tal discussão acaba resultando numa reação

violenta por parte de Adonias, que decide lançar uma pedra em direção ao primo. A atitude de Adonias irá, conseqüentemente, acarretar a morte de Ismael. Desesperado com o ocorrido e sem saber o que fazer, Adonias se vê diante da mesma situação vivida por seu antepassado: “Refazia um trajeto criminoso de mais de duzentos anos. Igual a Domísio, eu buscava quem me escondesse” (BRITO, 2008, p. 141).

Em entrevista para a *Revista Verbo 21: Cultura e Literatura*, publicada em janeiro de 2013, Ronaldo Correia de Brito fala a respeito da insistente retomada dessa mesma tragédia familiar em diferentes obras:

Retorno sempre a esse crime real, que marcou minha imaginação de criança. As histórias familiares podem virar um legado maldito. Acho que a única maneira de livrar-me desse crime que não cometi é falar dele, sempre. Eu já nem sei em que medida existiu esse João Domísio – que não tinha esse nome, é claro –, nem até que ponto eu o inventei para reforçar meu horror à violência contra as mulheres. Em Galileia, Donana, a vítima, vigia os homens há mais de trezentos anos, para que eles não assassinem outras mulheres. Da parede de um açude, onde se equilibra na ponta dos dedos dos pés, ela espreita. Sei que essas coisas nunca aconteceram, mas existiram sempre. A literatura se tece de imaginação e realidade. (GUERRA, 2013, p. 1)

Como foi dito pelo próprio escritor, suas narrativas são tecidas por meio das histórias advindas da imaginação popular. Em *Galiléia*, assim como a história de Donana e Domísio Justino, outras tornam-se lendas e são contadas pelos parentes, como a origem judaica de Raimundo Caetano, o avô de Adonias: “O imaginário fértil dos sertanejos reinventou a história desse homem, semelhante a milhares de outros judeus que chegaram à península Ibérica por volta do século onze” (BRITO, 2008, p. 25). E a lenda do fantasma de Donana, que vagava por entre as terras da Galiléia, que é transmitida de geração a geração. No capítulo intitulado “Salomão”, Adonias se depara com Donana no espaço da casa: “– Júlia me falou que a senhora vaga pela Galiléia desde que morreu. Pensei que fosse mentira” (BRITO, 2008, p. 168). Donana seria uma das tantas mulheres que foram assassinadas pelos maridos e que vagam depois de mortas à espera de vingança contra os seus assassinos: “As histórias antigas da família se misturam às mais recentes” (BRITO, 2008, p. 63). Permeando a narrativa ficcional, as narrativas populares permitem ao personagem Adonias conhecer a sua origem, já que sua existência está diretamente ligada ao passado.

Adonias retorna ao sertão da Galiléia em busca de uma resposta ao seu conflito identitário, no entanto, este seu dilema existencial é desencadeado novamente em sua viagem de volta ao Recife:

À medida que me afasto desse sertão dos Inhamuns sem nunca virar-me, igualzinho fez Ló quando fugia de Sodoma, ele me transmite um apelo. Tapo os ouvidos com cera de carnaúba e fico surdo aos seus chamados. [...]. Não quero o Recife. Ao lado do avô e dos parentes só pensava em voltar para casa. Agora prefiro um espaço neutro. (BRITO, 2008, p. 228)

De certa maneira, pode-se dizer que essa vontade do narrador-protagonista por permanecer em um espaço neutro pode ser compreendida como o desejo dele em tentar se desligar da realidade que o cerca, já que Adonias se vê perdido, não apenas em meio à multidão, onde ele se encontra ao final do conto, mas também diante do mundo, por não conseguir se ver nem no espaço do Recife, nem no sertão do Inhamuns.

Conclusão

Por meio do estudo da obra *Galiléia*, de Ronaldo Correia de Brito, foi possível discutir a questão apontada no início deste trabalho: saber quais elementos narrativos presentes nos dois contos do autor, “Faca” e “O que veio de longe”, publicados antes do romance *Galiléia*, correlacionavam-se e constituíam o processo designado como autointertextualidade. Constatou-se, dessa maneira, que a autointertextualidade pode ser vista entre os textos por meio de diferentes aspectos, tanto pela retomada dos personagens principais, no caso os personagens Donana e Domísio Justino, apresentados no romance como sendo os tios do narrador-personagem, quanto pelos elementos que caracterizam o espaço, este representado pelo sertão do Ceará. Além disso, o estudo da autointertextualidade entre os textos de 2003, de 2005 e a narrativa de *Galiléia* (2008) foi fundamental para compreendermos como se dava a composição do personagem Adonias, este que retoma as histórias do passado de sua família e refaz os mesmos caminhos percorridos por seus antepassados ao retornar ao sertão para só assim reconhecer a sua própria identidade.

Referências

BRITO, R. C. de. **Faca**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. **Livro dos homens**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____. **Galiléia**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.

COMPAGNON, A. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

GENETTE, G. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução Cibele Braga et al. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

GUERRA, A. Ronaldo Correia de Brito. **Verbo 21**: Cultura e Literatura. jan. 2013. Disponível em: <<http://www.verbo21.com.br/v6/index.php/janeiro-entrevista/77-ronaldo-correia-de-brito>>. Acesso: 1 ago. 2013.

KRISTEVA, J. A palavra, o diálogo e o romance. In: _____. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 65-95.

LEONEL, M. C. **Guimarães Rosa**: Magma e gênese. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

TODOROV, T. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, R. et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 218-264.